José Luiz Amzalak. *Literatura resumida e comentada*. São Paulo: Navegar, 2000, pág. 93-115.

N2 - 1º semestre

11 folhas

Resumo comentado de *São Bernardo*.

SÃO BERNARDO
de Graciliano Ramos

A obra utilizada para análise e sugerida para leitura é *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, Editora Record, 42ª edição,1984, RJ.

I - BIOGRAFIA E BIBLIOGRAFIA

Graciliano Ramos nasceu em Quebrangulo (AL), aos 27 de outubro de 1892. Acompanhou a família em várias mudanças pelo interior do estado natal e por Pernambuco. Mas foi no interior de Alagoas que passou a maior parte de sua infância difícil e da adolescência. Como pode ser comprovado em sua obra biográfica *Infância*, tomou gosto pela leitura muito cedo e gostava de contar histórias para os freqüentadores do estabelecimento comercial do pai.

Graciliano trabalhou algum tempo em jornais cariocas, retornando depois a Palmeira dos Índios, onde se tornou pequeno comerciante e casou. Em 1927, foi escolhido prefeito, tendo se destacado como excelente administrador. Ficaram famosos os ofícios por ele escritos, nos quais já se percebe estilo literário.

Em 1933, estreou com *Caetés*, seguido por *São Bernardo* (1934), *Angústia* (1936) e *Vidas Secas* (1938). Em 1936, foi preso em Maceió como comunista e levado para o Rio de Janeiro. Não sofreu acusação formal ou julgamento. As diversas privações sofridas na prisão abalaram sua saúde. Desse período resultou um obra biográfica, na qual denunciou os arbítrios da ditadura de Vargas: *Memórias do Cárcere* (1953).

Graciliano era um perfeccionista, daí seu estilo próximo ao de Machado de Assis. Corrigia os originais de cada página até atingir a concisão absoluta, só então escrevia a página seguinte. Nesses momentos, fumava compulsivamente, pois só assim conseguia escrever.

Graciliano trouxe para o Rio de Janeiro sua terra natal. Nunca descreveu qualquer paisagem do Rio, onde morou durante dezessete anos. Manteve-se fiel ao cenário regional do Nordeste.

Graciliano chegou a viajar para Buenos Aires para operar-se de câncer. Havia completado sessenta anos. Homenageado pela Câmara Municipal do Rio, a filha agradeceu as homenagens em nome do pai, que já não podia sair da cama. Morreu em 1953.

OBRA:
A) **ROMANCES:** *Caetés* (1933), *São Bernardo* (1934), *Vidas Secas* (1938) e *Angústia* (1936).
B) **MEMÓRIAS:** *Infância* (1945) e *Memórias do Cárcere* (1953).
C) **CONTOS:** *Insônia* (1947) e *Alexandre e Outros Heróis* (1962).
D) **CRÔNICAS:** *Linhas Tortas* (1962).
E) **VIAGENS:** *Viagem* (1954).

II - INTRODUÇÃO

São Bernardo, publicado em 1934, foi escrito por Graciliano na primeira pessoa. Na obra, o autor volta-se, como em outros romances seus, para o drama social do Nordeste, encontrando

expressão mais alta na auto-crítica do narrador, um latifundiário, Paulo Honório, que oprime as pessoas à sua volta. As figuras que circundam o protagonista são marcadas pela submissão. De um modo geral, o romance é o drama pessoal de um indivíduo que começou sua carreira como ajudante de cego, caixeiro viajante até chegar a proprietário de uma grande fazenda. A trajetória do romance segue a ascensão de Paulo Honório, que vive do período de bonança até seu declínio final como um indivíduo autoritário e agressivo, terminando solitário e em difícil situação financeira.

Os incidentes revelam a visão de mundo de Paulo Honório, personagem-narrador, que em nenhum momento abandona seu autoritarismo, nem mesmo quando sua desgraça pessoal torna-se evidente para o leitor.

Como em *Vidas* Secas, a presença de uma força telúrica, ligando o homem à terra, torna-se evidente. Dessa força nasce a resistência de Paulo Honório, que insiste em permanecer na fazenda São Bernardo até o fim, acompanhado apenas pelo fiel guarda-costas Casimiro Lopes. Mesmo sentindo-se culpado, Paulo Honório não se arrepende completamente e procura justificativas para seus erros na profissão que escolheu: "*A profissão é que me deu qualidades tão ruins*".

Ao mergulhar na análise de si mesmo, Paulo Honório amplia a perspectiva de conhecimento do próprio latifundiário brasileiro. Graciliano Ramos, através da construção do protagonista, aprofundou-se no estudo dessa alma atormentada pela solidão e pela certeza das injustiças cometidas contra a mulher, Madalena. Paulo Honório tem consciência de que não passa de um bruto, um indivíduo forçado ao mando pela profissão.

Nessa interpretação, o social não chega a prevalecer sobre o psicológico, já que se equivalem. Ao escrever seu livro, o personagem-narrador vai descobrindo seus defeitos psíquicos e revelando-os para o leitor. A análise do mundo sócio-econômico do trabalhador braçal é revelada lentamente, resgatando para a obra o estado de miséria, exploração e abandono em que se encontram os empregados da fazenda São Bernardo. Paulo Honório não se preocupa com o bem-estar de seus servidores, mas com a capacidade produtiva de cada um deles. O desprezo por mestre Caetano é um bom exemplo disso, afinal ele não tem mais forças para produzir. Ele não se importa com a miséria e a doença do velho caboclo, mas com as despesas desnecessárias que faz para atender Madalena e culpa o velho pela imprevidência de não ter guardado dinheiro. A vida humana parece, assim, reduzida apenas ao que pode render financeiramente enquanto força produtiva.

É interessante chamarmos a atenção para a visão de boa parte da crítica, que enxerga em *São Bernardo* uma recriação regionalista de *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. As duas narrativas são feitas em primeira pessoa, em forma de *flash-back*[149], os narradores são pseudo-autores. Tanto Paulo Honório quanto Bentinho são atormentados pelos ciúmes, que terminam por apagar a força das mulheres que têm consigo. Os dois narradores são inseguros em seus relacionamentos amorosos. A solidão de ambos também parece-nos idêntica. A diferença fica por conta do fato de Paulo Honório ter consciência de que Madalena era inocente; enquanto Bentinho termina a obra ainda com a mesma dúvida que sempre o atormentou: teria sido traído por Capitu com seu melhor amigo?

---

[149] Retrocesso, retomada do passado.

III - ENREDO DA OBRA

1

Paulo Honório começa sua narrativa lembrando que imaginou contruir a obra que pretende escrever, dividindo-a com alguns amigos. Todos concordaram. "*Padre Silvestre ficaria com a parte moral e as citações latinas; João Nogueira aceitou a pontuação, a ortografia e a sintaxe; prometi ao Arquimedes a composição tipográfica; para a composição literária convidei Lúcio Gomes de Azevedo Godim, redator e diretor do Cruzeiro.*"

O otimismo inicial, que fez Paulo Honório pensar na venda de mil exemplares com os elogios colocados na *Gazeta*, deu lugar a desentendimentos: Paulo Honório não concordou com a linguagem camoniana pretendida pelo Nogueira; afastando-se dele. Isso depois que o padre recebeu-o friamente por motivos políticos. Passou a trabalhar em sua fazenda apenas com o Gondim, que diariamente pedalava até lá. Tomavam conhaque. Paulo Honório contava sua história. Depois de duas semanas, Paulo Honório ficou decepcionado com a quantidade de besteiras escritas por Gondim nos dois capítulos que este lhe apresenta.

"*- Vá para o inferno, Gondim. Você acanalhou o troço. Está pernóstico, está safado, está idiota. Há lá ninguém que fale dessa forma!*"

Gondin argumentou que "*um artista não pode escrever como fala*", mas Paulo Honório quis saber por quê. A falta de argumentos de Gondim fez Paulo Honório olhar o cenário em volta e pensar em Madalena.[150]

2

Paulo Honório abandonou o projeto, mas, depois de ouvir um pio de coruja, reiniciou ele mesmo a composição[151]. Percebe que certos fatos não revelaria a ninguém. Decide narrá-los porque a obra seria publicada sob pseudônimo[152].

Paulo Honório explica a obra que vai escrever: "*Tenciono contar a minha história. Difícil. Talvez deixe de mencionar particularides úteis, que me pareçam acessórias e dispensáveis. Também pode ser que, habituado a tratar com matutos, não confie suficientemente na compreensão dos leitores e repita passagens insignificantes. De resto isto vai arranjado sem nenhuma ordem*[153]*, como se vê. Não importa. Na opinião dos caboclos que me servem, todo o caminho dá na venda*"[154]. Paulo Honório alega só conhecer estatística, pecuária e escrituração mercantil, confessando-se ignorante fora disso. "*E não vou, está claro, aos cinqüenta anos, munir-me de noções que não obtive na mocidade.*"[155] Confessa que seu objetivo na vida foi

---

[150] O capítulo é narrado num presente próximo, determinado pela necessidade de Paulo Honório escrever sua história. Cremos que essa necessidade exerce um processo catártico no protagonista, purgando seus sentimentos de culpa, ainda que não consiga mudar completamente seu comportamento.

[151] O pio de coruja trouxe de volta a lembrança dos ciúmes que sentira de Madalena, daí reacender o desejo de terminar o livro para livrar-se de seus sentimentos dolorosos de uma vez.

[152] Nome literário falso.

[153] Na verdade, o livro é extremamente organizado, sendo que cada passagem escrita de forma aparentemente desordenada, encaixa-se dentro de um contexto lógico e ordenado.

[154] Toda a passagem é marcada pelo emprego de metalinguagem, já que o narrador procura explicar a obra que está escrevendo.

[155] Mais uma vez Paulo Honório procura iludir o leitor, já que acaba empregando uma sintaxe invejável durante toda a narração, pontuada mesmo por empregos de construções classicizantes.

apossar-se da fazenda São Bernardo, construir aquela casa, plantar algodão e mamona, levantar a serraria e o descaroçador. "*As pessoas que me lerem terão, pois, a bondade de traduzir isto em linguagem literária, se quiserem. Se não quiserem, pouco se perde.*[156] *Não pretendo bancar escritor. É tarde para mudar de profissão. E o pequeno que ali está chorando necessita que o encaminhe e lhe ensine as regras de bem viver.*"

3

"*Começo declarando que me chamo Paulo Honório, peso oitenta e nove quilos e completei cinqüenta anos pelo São Pedro. A idade, o peso, as sombrancelhas cerradas e grisalhas, este rosto vermelho e cabeludo têm-me rendido muita consideração.*"

Paulo Honório confessa que a idade e a data de São Pedro são convencionais, já que a certidão de batismo não apresenta nome dos pais. "*Sou, pois, o iniciador de uma família...*" Não se lembra direito de sua meninice, apenas de um cego que puxava suas orelhas e de quem foi guia, e "*da velha Margarida, que vendia doces*". Margarida agora mora na fazenda. "*Custa-me dez mil-réis por semana, quantia suficiente para compensar o bocado que me deu*".

Paulo Honório passa a narrar de forma fragmentária sua trajetória. Foi enxadeiro até os dezoito anos, ganhando cinco tostões por doze horas de serviço. Esfaqueou João Fagundes por causa de Germana. Foi preso pelo delegado e tomou uma surra de cipó de boi. Passou três anos, nove meses e quinze dias preso. Na cadeia, aprendeu a ler com o Joaquim sapateiro. Germana pegou doença venérea e virou prostituta. Paulo Honório, nesse tempo, só pensava em ganhar dinheiro. Tirou título de eleitor e tomou emprestado cem mil-réis com seu Pereira, agiota e chefe político, a juros de cinco por cento ao mês. Depois de pagar os cem mil-réis, conseguiu duzentos com juros reduzidos de três e meio por cento. "*Daí não baixou mais, e estudei aritmética para não ser roubado além da conveniência.*" Conta que sofreu com seu Pereira, mas depois vingou-se, tomando-lhe tudo. Foi mascate pelo sertão, negociando redes, gado, imagens, rosários e miudezas. Sofreu muito nessa vida. Nessa época conheceu Casimiro Lopes, que foi contratado junto com outros rapazes para ajudar Paulo Honório a receber uma dívida de trinta contos de um certo Doutor Sampaio. A dívida foi paga e Casimiro Lopes acabou acompanhando Paulo Honório, quando este deixou aquela vida de cigano e voltou para a mata.

4

Paulo Honório fixa residência em sua terra natal, Viçosa, Alagoas. Logo passou a planejar uma maneira de adquirir a fazenda São Bernardo, onde foi lavrador. O dono, Salustiano Padilha, fizera muitos sacrifícios para ver o filho doutor, mas acabou morrendo do estômago e de fome sem realizar seu sonho.

Paulo Honório aproxima-se do filho do antigo patrão. Encontra o rapaz jogando e bebendo: "*Está claro que o jogo é uma profissão, embora censurável, mas o homem que bebe jogando não tem juízo*". Paulo Honório percebe que Padilha está sendo roubado e que não é bom jogador. Tomam-se amigos e "*em dois meses emprestei-lhe dois contos de réis*", logo gastos com bebidas e mulheres. Ao ser convidado para um São João na fazenda, Paulo Honório aproveita para emprestar mais quinhentos mil-réis. Recebe a letra, mas finge desprendimento. Mesmo assim guarda o papel.

[156] É interessante notar que o escritor iniciante o recurso do leitor incluso (emprego, aliás, comum em Machado de Assis).

A fazenda está em péssimo estado, mas a terra é excelente. Paulo Honório aproveita a ocasião para sugerir a Padilha, que já havia bebido, que cultive a terra. Padilha pergunta como, ao que Paulo Honório responde: " *Tratores, arados, uma agricultura decente. Você nunca pensou? Quanto julga que isto rende, sendo bem aproveitado?*" Luís Padilha demonstra sua ignorância e volta a dançar com as caboclas.

No dia seguinte, Padilha procura o narrador com idéia de plantar mandioca e construir uma fábrica moderna de farinha. Paulo Honório tem consciência de que isso será desperdiçar terra tão fértil, mas assim mesmo afirma que a idéia é boa. Logo Padilha passa a ser ridicularizado por todos e reclama com Paulo Honório. Este, convidado para desembolsar vinte contos e entrar no negócio, acaba dando uma lição de economia para Padilha. Depois de algumas idas e vindas, Padilha acaba oferecendo a fazenda em hipoteca, mas Paulo Honório recusa, dizendo que as terras nada valem. Promete, entretanto, pensar no assunto. Depois de uma semana, Paulo Honório entrega o dinheiro, descontados os empréstimos anteriores e os juros.

Padilha "*comprou uma tipografia e fundou o Correio de Viçosa*", que publica apenas quatro números, transformando-se no Grêmio Literário e Recreativo. Padilha torna-se sócio benemérito e presidente honorário perpétuo. Depois disso, passa a esconder-se de Paulo Honório.

Vencida a quarta e última letra, Paulo Honório procura Padilha na fazenda. Apresenta as letras, mas Padilha desconversa, alegando dificuldades e propondo prorrogação do prazo e dos juros. Paulo Honório alega que pretende liquidar. Padilha oferece a tipografia, mas Paulo Honório recusa.

"- *Mas se não tenho! Hei de furtar? Não posso, está acabado.*

- *Acabado o quê, meu sem-vergonha! Agora é que vai começar. Tomo-lhe tudo, seu cachorro, deixo-o de camisa e ceroula.*"

Paulo Honório oferece-se para comprar a fazenda. Padilha tenta recusar, mas termina pedindo oitenta contos. Paulo Honório deprecia as terras e oferece trinta contos, coloca também uma casa na cidade no negócio. Depois de muita discussão e algumas ameaças, acertam o preço: ... *quarenta e dois pela propriedade e oito pela casa. Arengamos ainda meia hora e findamos o ajuste*". Para evitar que Padilha arrependa-se, Paulo Honório leva-o para a cidade e vigia-o durante a noite. No dia seguinte, assinam a escritura. Paulo Honório deduz a dívida, os juros, o preço da casa incluída no negócio e entrega sete contos e quinhentos e cinqüenta mil réis. "*Não tive remorsos.*"

5

Mendonça, vizinho de São Bernardo e velho inimigo do pai de Padilha, reclama porque Paulo Honório adquiriu a fazenda sem consultá-lo. Afirma que os limites de demarcação são provisórios e que não vale a pena consertar a cerca, já que vai derrubá-la para acertarem onde deve ficar. Paulo Honório pondera que o velho Mendonça já tinha encolhido muito as terras de São Bernardo. Pede que mostre os papéis, mas, não sendo possível o acordo, "*era melhor vir advogado e vir o agrimensor*". Mendonça não concorda e pretende derrubar a cerca.

Depois de contar os caboclos que acompanham cada um, Paulo Honório decide que a cerca não será derrubada. Ainda assim não quer briga com o vizinho, mas também não deseja abaixar a crista no primeiro encontro. "*Casimiro Lopes deu um passo; toquei-lhe no ombro e ele recuou. Mendonça compreendeu a situação, passou a tratar-me com amabilidade excessiva.*

Paguei na mesma moeda (...)" A conversa a partir daí é cheia de falsidades. Mendonça alega que podem resolver a situação depois. Paulo Honório e seus empregados continuam a substituir os grampos velhos da cerca por novos. Quando voltam para casa, Paulo Honório nota Casimiro Lopes carrancudo, como se esperasse ouvir algo dele. Os dois conversam:

"*- Amanhã traga quatro homens, venha aterrar este charco. E limpe aqui o riacho para as águas não entrarem na várzea.*

- Só?

Pensei que, em vez de aterrar o charco, era melhor mandar chamar Mestre Caetano para trabalhar na pedreira. Mas não dei contra-ordem, coisa prejudicial a um chefe.

- Só? tornou a perguntar Casimiro Lopes.

Apanhei o pensamento que lhe escorregava pelos cabelos emaranhados, pela testa estreita, pelas maçãs enormes e pelos beiços grossos. Talvez ele tivesse razão. Era preciso mexer-me com prudência, evitar as moitas, ter cuidado com os caminhos. E aquela casa esburacada, de paredes caídas...

Decidi convidar Mestre Caetano e cavouqueiros.

Diabo! Agitei a cabeça e afastei um plano mal esboçado.

- Por enquanto, só."

6

Paulo Honório enfrenta dificuldades no segundo ano em São Bernardo. A safra de mamona e algodão foi ruim e os preços baixos. Uma noite Paulo Honório e Casimiro Lopes ouvem o cachorro Tubarão latir. Percebem um vulto e escutam passos.

No dia seguinte, Paulo Honório visita Mendonça, que o recebe inquieto. Paulo Honório conta que foi trabalhador braçal. Mendonça reclama dos vizinhos e depois tenta envergonhá-lo: "*- Trabalhador alugado, hem? Não se incomode. O Fidélis, que hoje é senhor de engenho, e conceituado, furtou galinhas.*" Aos poucos perde a inquietação causada pela presença de Paulo Honório. Mendonça reclama que dormiu mal. Paulo Honório conta que dormiu como pedra. "*Cada um de nós mentiu estupidamente. Empurrei de novo a palestra a minha vida de trabalhador. Resultado medíocre: as moças cochilaram e Mendonça estirou o beiço.*"

A chegada de um caboclo mal-encarado na sala fez Mendonça franzir a testa. Depois de perceber que a sua conversa foi maçante, Paulo Honório despede-se, prometendo matar um carneiro para a eleição de domingo.

Paulo Honório cavalga pela propriedade e nota que o serviço todo anda devagar, porque tem poucos empregados trabalhando na pedreira e no açude.

"*Onde andaria a velha Margarida? Seria bom encontrar a velha Margarida e trazê-la para S. Bernardo. Devia estar pegando um século, pobre negra.*"[157] Espera os serventes terminarem o serviço do dia e volta a pensar no Mendonça, que tinha furtado braças de terra. "*Felizmente estávamos em paz. Aparentemente.*"

Paulo Honório delineia um projeto com Casimiro Lopes, mas o empregado desvia-se dos "*panos mornos*" e colabora no projeto. Paulo Honório escreve algumas cartas aos bancos da capital e ao governador do estado: "*Aos bancos solicitei empréstimos, ao governador*

---

[157] É interessante notar que os pensamentos de Paulo Honório estão confusos, fazendo que retome a imagem da velha Margarida, figura do passado.

comuniquei a instalação próxima de numerosas indústrias e pedi a dispensa de imposto sobre os maquinismos que importasse." Depois consulta o Aprendizado Agrícola sobre a aquisição de um bezerro limosino[158].

Paulo Honório ouve passos ao redor da casa. Julga reconhecer o homem que encontrara na casa do Mendonça. Chama Casimiro Lopes.

No dia seguinte, sábado, mata o carneiro para os eleitores. "*Domingo à tarde, de volta da eleição, Mendonça recebeu um tiro na costela mindinha e bateu as botas ali mesmo na estrada, perto de Bom-Sucesso.*" Paulo Honório estava na cidade na hora do crime. Conversava com o viagário a respeito da igreja que levantaria em S. Bernardo, se os negócios corressem bem.

7

Paulo Honório fica conhecendo seu Ribeiro em Maceió, onde o velho era gerente e guarda-livros da *Gazeta*. Seu Ribeiro foi um próspero fazendeiro, muito querido e respeitado em sua terra natal. Homem letrado e que resolvia os problemas do lugar. Lá não havia padre, juiz ou delegado. Seu Ribeiro resolvia as brigas e os crimes. Sua mulher rezava o terço e contava histórias para as crianças. A chegada do progresso mudou tudo. A cidade cresceu. Ganhou chefe político, juiz de direito, promotor, delegado e vigário. Todos foram se esquecendo de seu Ribeiro. A mulher morreu de desgosto. Os filhos foram para a cidade grande. Seu Ribeiro vendeu tudo, foi atrás deles, mas não os encontrou. Ficou na cidade grande, passando miséria.

Depois que seu Ribeiro contou sua história[159], Paulo Honório diz: "*Tenho a impressão de que o senhor deixou as pernas debaixo de um automóvel, seu Ribeiro. Porque não andou mais depressa? É o diabo*".

8

Nos cinco anos que se passaram, Paulo Honório progrediu muito. Terminou a construção da casa, tendo comprado móveis e diversos objetos. Deixou de dormir na rede. Paulo Honório nem sempre procedeu com segurança ao encontrar obstáculos. "*Tive abatimentos, desejo de recuar; contornei dificuldades: muitas curvas. Acham que andei mal? A verdade é que nunca soube quais foram os meus atos bons e quais foram os maus. Fiz coisas boas que me trouxeram prejuízo; fiz coisas ruins que deram lucro.*"

Paulo Honório considera legítimas suas ações para possuir as terras da fazenda. Depois da morte do Mendonça, derruba a cerca e retoma as terras que pertenciam à sua fazenda e que foram roubadas pelo vizinho. As filhas do Mendonça reclamam, mas Paulo Honório manda-as ir à justiça. Elas não vão. Paulo Honório invade ainda as terras do Fidélis e dos Gama, mas respeita as do juiz, Dr. Magalhães.

Paulo Honório conta que se endividou por causa da importação de maquinismos. Iniciou a pomicultura[160] e a avicultura. Para transportar seus produtos ao mercado, abre estrada de rodagem. Por isso é elogiado e chamado de patriota por Azevedo Gondim. Saem até elogios na *Gazeta*, num artigo do Costa Brito, que recebeu de Paulo Honório cem mil-réis.

---

[158] Tipo de gado importado da região de Limoges (França).

[159] Essa narrativa de seu Ribeiro é antecipada de uma advertência metalingüística do narrador, que avisa que transcreverá a história em terceira pessoa e reproduzindo a linguagem do personagem. Cabe lembrar que se trata de uma micronarrativa encaixada na narrativa principal.

[160] Cultura das árvores frutíferas.

Depois vieram os problemas: perdeu dois caboclos e levou um tiro de emboscada "*Exasperado, mandei mais cem mil-réis a Costa Brito e procurei João Nogueira e Gondim:*

- Desorientem essas cavalgaduras. Olhem que estou fazendo obra pública e não cobro imposto. É uma vergonha. O município devia auxiliar-me. Fale com o prefeito, dr. Nogueira. Veja se ele me arranja umas barricas de cimento para os mata-burros."

Paulo Honório não recebeu o cimento, mas construiu os mata-burros. É visitado pelo governador do Estado, a quem promete a construção de uma escola antes de sua próxima visita. Paulo Honório busca, com a promessa, a benevolência do governador para certos favores que ainda pretende pedir. No fundo, Paulo Honório está preocupado com os credores.

Paulo Honório decide proteger as Mendonça[161], já que sua prosperidade começou depois da morte do pai delas. "*Mandaria no dia seguinte dar uma limpa no algodão de Bom-Sucesso, enfezado, coberto de mato. (...) Resolvi abrir o olho para que vizinhos sem escrúpulos não se apoderassem do que era delas. Pois se qualquer daqueles patifes tentasse prejudicá-las, estava embrulhado comigo.*"

9

No dia segunte, Paulo Honório encontra João Nogueira, Padilha e Gondim no alpendre da casa da fazenda. Eles elogiavam as pernas e os seios de uma moça. João Nogueira, advogado de Paulo Honório, usa de falcatruas e distribui corrupções para obter vitórias nos processos de seu cliente. Paulo Honório é informado do andamento de vários processos.

Ao voltar ao alpendre, pergunta de quem eram as pernas e fica sabendo que são de uma nova professora, Madalena. Todos elogiam a beleza de Madalena. Discutem a idade da moça. A discussão chega ao fim, e todos são convidados para o jantar. Paulo Honório convida o Padilha para trabalhar como professor na escola de sua fazenda. Padilha alega andar ocupado. Só depois de tudo Azevedo Gondim comunica que localizou a velha Margarida em Jacaré-dos-Homens. Paulo Honório diz que "*é conveniente que a mulher seja remetida com cuidado, para não se estragar na viagem*".

João Nogueira sugere que Paulo Honório contrate a professora Madalena. Gondim grita que ela até enfeita a casa. Padilha volta atrás e aceita o emprego de oito horas diárias por um salário de cento e cinqüenta mil-réis por mês. Paulo Honório comunica que não poderá beber, porque não ficará lá como hóspede, mas para trabalhar. Padilha concorda com as condições.

Paulo Honório fica sabendo que o chefe político local, Pereira, está para cair. Padre Silvestre foi indicado pelo Pereira, mas é revolucionário e perde o lugar na prefeitura já no final da campanha. Aproveitando-se da queda iminente do Pereira, Paulo Honório chama o advogado e diz que é hora de liquidar seus negócios e acertar a conta do Pereira. Manda João Nogueira conseguir uma hipoteca. João Nogueira anima-se, porque Paulo Honório está prestando um grande serviço ao partido.

10

Paulo Honório reclama dos pretextos dos empregados para vadiarem nos dias santos. Sábado e domingo são dias perdidos. "*... a semana tem apenas cinco dias, que a Igreja ainda reduz. O resultado é a paga encolher e essa cambada viver com a barriga tinindo.*"

---

[161] Não há bondade ou arrependimento no gesto de Paulo Honório, mas interesse. Ele não quer que outros tomem as terras das moças, porque pretende ficar com as mesmas.

Num feriado, Paulo Honório distraiu-se ouvindo uma conversa sobre onças entre Padilha e Casimiro Lopes. Vê que eles não se entendem. Padilha é estudado e Casimiro um indivíduo que fala pouco: "*No sertão passava horas calado, e quando estava satisfeito, aboiava.*[162] *Quanto a palavras, meia dúzia delas. Ultimamente, ouvindo pessoas da cidade, tinha decorado alguns termos, que empregava fora de propósito e deturpados.*"[163]

Paulo Honório manda Casimiro entregar uma carta ao padre Silvestre. Nela, aproveita para agradecer o interesse "*que ele tinha tomado pela viagem difícil de Margarida*". Foi depois fazer a sua segunda visita à velha.

Durante a conversa com Margarida, Paulo Honório chega a comover-se e pede que ela não se acanhe e mande buscar o que for necessário. A velha pede um tacho, já que roubaram o outro. Paulo Honório lembra-se do velho tacho que ele mesmo lavava e tirava as manchas. Margarida foi doceira, mas agora está velha demais para usar um tacho. Mesmo assim Paulo Honório promete que ela terá um igual.

11

Paulo Honório amanhece um dia pensando em se casar para preparar um herdeiro para as terras de São Bernardo. Nunca se ocupou muito com amores. Só conheceu a Germana e a Rosa, mulher de seu empregado Marciano, e outras também muito ordinárias. Tentou imaginar a mulher que lhe seria ideal, mas concluiu que era incapaz de imaginação. Procurou lembrar-se das senhoras que conhecia: D. Emília Mendonça, uma Gama, a irmão de Azevedo Gondim e D. Marcela, filha dr. Magalhães.

Nesse ponto surgiu um contratempo, pois uma tarde surpreendeu o Padilha discursando para o Marciano e o Casimiro. Marciano dava razão ao Padilha, quando este dizia que não está certo mais de uma légua de terra, casas, mata, açude e gado pertencer a um homem só. Casimiro declarou que desde o começo do mundo as coisas tinham dono. Paulo Honório estourou quando Padilha declarou que morriam trabalhando para enriquecer os outros. Chamou Padilha de parasita, preguiçoso. Depois mandou os dois arrumarem a trouxa e irem para a casa do diabo.

Mais tarde, Padilha procura Paulo Honório e jura que a escola funciona normalmente e que o que disse foi só para matar tempo e empulhar[164] o Casimiro. Garante que não é capaz de propagar idéias subversivas.

No outro dia, Rosa, junto com os cinco filhos, "*atracou-me no pomar. E eu, que não tenho grande autoridade junto dela*[165]*, sosseguei-a:*

- Mande-me cá o Marciano, aquele cachorro. Até logo vou ver."

À noite, reúne os dois e berra um sermão comprido para demonstrar que ele é que trabalhava para eles. Depois de dar conselhos, ameaça chamar o delegado, "*que isto aqui não é a Rússia, estão ouvindo?*"

Depois disso, Paulo Honório retoma a elaboração em pensamento da mulher ideal. Logo passa a lembrar-se do último encontro com o Brito, da *Gazeta*, que agora escreve para pedir

---

[162] Canto triste dos vaqueiros, feito só de sons vocálicos, utilizado para tocar o gado.

[163] Como em *Vidas Secas*, Graciliano deixa claro que a incomunicabilidade do homem sertanejo resulta de sua ignorância e desconhecimento da língua portuguesa.

[164] No sentido de zombar, caçoar.

[165] Paulo Honório usava Rosa para satisfazer seu apetite sexual, como já vimos antes.

mais dinheiro e até ameaça. Paulo Honório envia um telegrama, no qual anuncia que é inútil insistir e que está fartíssimo. Os pensamentos de Paulo Honório estão confusos, repletos de imagens desconexas.

12

Paulo Honório é informado por João Nogueira de que a questão do Pereira está dormindo no cartório, esperando a assinatura do juiz. Ele resolve ir visitar o Dr. Magalhães, pensando nos predicativos de sua filha, D. Marcela.

Durante a visita, encontra o juiz, a filha, João Nogueira e mais duas senhoras, uma delas moça, loura e bonita. Segundo o costume, os homens mantiveram-se separados das mulheres. Paulo Honório ouve várias vezes o nome da senhora Dona Glória, mas nunca o da moça que a acompanha. Os homens começam a conversar sobre política. Paulo Honório fala com muito cuidado, evitando desagradar o juiz. Percebe que a mocinha loura volta para eles, atenta, os grandes olhos azuis. "*De repente conheci que estava querendo bem à pequena.*"

Depois de despedir-se pela segunda vez do juiz, Paulo Honório percorre a cidade impressionado com os olhos da mocinha loura e esperando descobrir seu nome. Acaba procurando João Nogueira, mas enfrenta dificuldade para localizá-lo. Encontra-o no hotel, discutindo poesia com Gondim. Depois de ouvir durante algum tempo e não se instruir, chama o advogado em particular. Acaba sentindo-se acanhado e disfarça, perguntando sobre o andamento do processo do Pereira.

13

Ao voltar da capital, onde foi por causa do Brito, Paulo Honório encontra-se com a mocinha loira.

Depois do caso do telegrama, o Brito passou a difamar Paulo Honório através da *Gazeta*. Chegou a chamá-lo de assassino. Paulo Honório vai à capital para tomar satisfações. Encontra o Brito descendo do bonde. Brito ainda tenta voltar, mas é tarde. Paulo Honório agride-o, inclusive com o chicote. Com a confusão que se forma, Brito consegue escapar.

No hotel, Paulo Honório acaba sendo chamado à polícia. Só consegue viajar vinte e quatro horas depois. No trem, ajuda uma senhora de preto a baixar a portinhola para evitar o incômodo do sol. Reconhece D. Glória e trata-a pelo nome. D. Glória demora para reconhecer em Paulo Honório o rapaz que estava com João Nogueira na casa do juiz. Através dela, Paulo Honório fica sabendo que a sobrinha de D. Glória chama-se Madalena. Desdenhando da profissão de professora da sobrinha, Paulo Honório acaba por convidar D. Glória para conhecer São Bernardo.

O narrador encerra com uma metalinguagem: "*Essa descrição, porém, só seria aqui embutida por motivos de ordem técnica. E não tenho o intuito de escrever em conformidade com as regras. Tanto que vou cometer um erro. Presumo que é um erro. Vou dividir um capítulo em dois. Realmente o que se segue podia encaixar-se no que procurei expor antes desta digressão.*[166] *Mas não tem dúvida, faço um capítulo especial por causa da Madalena.*"

---

[166] O narrador emprega corretamente o termo, já que acabou de fazer uma digressão ao interromper a narrativa para falar da atitividade de elaboração da obra (metalinguagem). Apesar de alegar desconhecimento da técnica narrativa, Paulo Honório domina-a com grande mestria.

14

Paulo é apresentado a Madalena quando chegam à estação. Desajeitado ou emocionado, Paulo Honório atrapalha-se e deixa cair um pacote. Madalena lembra-se dele. Há um mês viram-se na casa do juiz, como ela mesma afirma. Paulo Honório acompanha as duas, já que a casa delas fica no caminho do hotel.

Madalena ouvira de D. Marcela que Paulo Honório tinha uma propriedade muito bonita. Paulo Honório não sabe se é bonita, mas que é uma propriedade regular. Depois disso, sente-se meio encabulado por não saber conversar com uma senhora que veio da escola normal. Está acostumado apenas com criaturas como Germana e Rosa. Paulo Honório renova o convite para D. Glória passar uns dias em São Bernardo, levando junto a professora.

No hotel, Paulo Honório senta-se à mesa. Logo chegam João Nogueira, Gondim e padre Silvestre. Todos estão assustados com a desordem causada e com os bostes sobre ferimentos e até a morte do Brito. Paulo Honório conta que foram apenas desaforos ditos de ambas as partes. Depois, toma informações sobre D. Glória e Madalena. Fica sabendo que esta última é excelente professora. Satisfeito com a informação, convida todos para jantar. "*Agradeceram e despediram-se. Padre Silvestre abraçou-me:*

- O amigo numa entalação dessa! A culpa foi do Brito. Ele é meio esquentado, mas ultimamente a orientação que vem dando à Gazeta é boa."

Paulo Honório avisa Gondim que precisa falar-lhe. Gondim fica. Paulo Honório está com fome. "*Dois dias quase sem comer.*" Convida Gondim para jantar, mas este aceita apenas um copo de cerveja. Paulo Honório pergunta sobre Madalena, quer saber se é moça direita. Gondim desmancha elogios. Paulo Honório fica sabendo que Madalena escreve para o *Cruzeiro*. Paulo Honório afirma estar aborrecido com o Padilha, porque este "*anda querendo botar socialismo na fazenda*". Pede a Gondim que fale com a moça. Gondim prontifica-se a fazê-lo.

15

Paulo Honório, depois do convite, torna-se íntimo de D. Glória e Madalena. Passa a freqüentar a casa a pretexto de obter uma resposta. Chega a conversar com D. Glória a respeito do fato de a sobrinha ser solteira. Depois de mostrar-se um tanto contrária ao casamento da sobrinha, D. Glória alega que deve haver reciprocidade de sentimentos. Paulo Honório discorda: "*- Qual reciprocidade! Pieguice. Se o casal for bom, os filhos saem bons; se for ruim, os filhos não prestam. A vontade dos pai não tira nem põe. Conheço o meu manual de zootecnia.*"

Paulo Honório fica duas semanas sem aparecer, por causa da colheita do algodão. Aparece com temor de ser mal recebido. Madalena e Paulo Honório conversam sobre a proposta da moça assumir o lugar de Padilha como professora. Madalena recusa o convite, alegando não trocar seus seis anos de magistério por algo duvidoso. Paulo Honório usa de franqueza e confessa que a história da escola era tapeação. Ele resolveu escolher uma companheira e engraçou-se com Madalena. Esta alega que não se conhecem. Paulo Honório diz: "- *Ora essa! Não lhe tenho contado pedaços da minha vida? O que não contei vale pouco. A senhora, pelo que mostra e pelas informações que peguei, é sisuda, econômica, sabe onde tem as ventas e pode dar uma boa mãe de família.*"

Madalena alega haver muitas diferenças entre eles. Paulo Honório argumenta que se não houvesse diferenças seriam uma só pessoa. Madalena afirma ser o oferecimento dele vantajoso para ela, que é pobre feito Job. Paulo Honório responde: "- *Não fale assim, menina. E a*

instrução, a sua pessoa, isso não vale nada? Quer que lhe diga? Se chegarmos a acordo, quem faz um negócio supimpa sou eu."

16

Uma semana depois, na casa de Madalena, Paulo Honório toma café e conversa satisfeito.Chega o Gondim, que veio dar os parabéns a D. Madalena. Paulo Honório quer saber que história é essa. Gondim fala no casamento e quer saber para quando será. Paulo Honório tem vontade de torcer-lhe o pescoço. Gondim desculpa-se, alegando não saber que era segredo, já que todos comentavam.

Para disfarçar o acanhamento, Paulo Honório passa a conversar sobre o Hospital de Nossa Senhora da Conceição e sobre o Grêmio Literário. Paulo Honório considera inúteis as ficções. Gondim e Madalena discordam dessa posição.

"*D. Glória estava quase dormindo. Azevedo Gondim, aturdido, agastado, ergueu os ombros:*

- Cá para mim os livros são úteis, deve ter lá as suas razões.

- Você vê que me refiro às histórias fiadas do Grêmio.

- O pior é que o que é desnecessário ao senhor talvez seja necessário a muitos, disse Madalena.

- Sem dúvida, a beleza, triunfou Azevedo Gondim. É o que se quer. Harmonia, beleza, entende?

- Ora sebo!"

Depois que Gondim se retira, Paulo Honório fala a Madalena que as pessoas já estão falando. Não tornará a pôr os pés naquela casa para não prejudicar a moça e por ser ridículo. Madalena alega gostar da vida no campo, mas pede que ele espere mais um pouco, porque não sente amor. Paulo Honório também não a ama, mas termina dizendo para marcarem o dia. Madalena pede um ano, porque precisa preparar-se. Paulo Honório afirma que negócio com prazo de um ano não presta. Pergunta se pode avisar D. Glória. Madalena concorda. Paulo Honório procura maneira de formular o pedido, mas acaba comunicando a decisão de forma grosseira: "*- D.Glória, comunico-lhe que eu e sua sobrinha dentro de uma semana estaremos embirados.*[167] *Para usar linguagem mais correta, vamos casar. A senhora, está claro, acompanha a gente. Onde comem dois comem três. E a casa é grande, tem uma porção de caritós*[168]."

"*Dona Glória começou a chorar.*"

17

Em fim de janeiro, padre Silvestre casa Paulo Honório e Madalena na capela de São Bernardo. Dona Glória acaba conformando-se ao ver as comodidades da fazenda. Ela fica instalada num quarto no lado esquerdo da casa, detrás do escritório. O casal, do lado direito.

Na primeira semana, Paulo Honório, ainda inseguro, procura adaptar-se à linguagem de Madalena, mas percebe que ela não se incomoda com a sua fala errada. "*Imaginei-a uma boneca da escola normal. Engano.*"

[167] Amarrados, casados.
[168] No sentido de quartos.

Madalena não se agrada do Padilha, porque acha que ele tem a alma baixa. Gosta de seu Ribeiro. Madalena mexe nos livros de escrita, conserta a máquina de escrever emperrada e, ainda no segundo dia depois do casamento, passeia pelo campo. Vai ao descaroçador e conversa com o maquinista. Paulo Honório, por sua vez, sente-se realizado ao ver a mulher interessar-se por seus assuntos. Chega a dizer: "*- Ora muito bem. Isto é mulher.*" Mesmo assim aconselha-a a não se expor. Não quer a mulher metida com os caboclos, uns brutos. Se quer trabalhar, deve fazê-lo com Maria das Dores. Madalena, entretanto, não gosta dessa ocupação e não foi lá para dormir.

Madalena informa que Mestre Caetano sofre privações e está doente, mas Paulo Honório alega não precisar mais dele.

"*- Devia ter feito economia. São todos assim, imprevidentes. Uma doença qualquer, e é isto: adiantamentos, remédios. Vai-se o lucro todo.*"

Depois autoriza Madalena a mandar o que for necessário, mas afirma que é dinheiro perdido.

18

Oito dias depois do casamento, seu Ribeiro declara que Madalena entende de escrituração e poderá substituí-lo caso venha a morrer. Padilha, interessado em acumular o cargo de contador, diz que ele tem fôlego de sete gatos. Madalena quer saber quanto seu Ribeiro ganha e descobre serem duzentos mil-réis. Ela espanta-se. Afirma que é pouco. Paulo Honório defende-se, dizendo que seu Ribeiro ganhava cento e cinqüenta mil-réis antes e agora ainda tem casa, comida e roupa lavada. Dona Glória intervém, concordando com Madalena. Paulo Honório berra: "*- Ora gaitas! berrei. Até a senhora? Meta-se com seus romances.*"

Madalena, pálida, acha que não era preciso ficar zangado, porque todos têm suas opiniões. Paulo Honório, nervoso, diz: "*- Sem dúvida. Mas é tolice querer uma pessoa ter opinião sobre assunto que desconhece. Cada macaco no seu galho. Que diabo! Eu nunca andei discutindo gramática. Mas as coisas da minha fazenda julgo que devo saber. E era bom que não me viessem dar lições. Vocês me fazem perder a paciência.*"

Paulo Honório retira-se antes da sobremesa e atira toda a responsabilidade da discussão sobre D. Glória.

19

"*Conheci que Madalena era boa em demasia, mas não conheci tudo de uma vez. Ela se revelou pouco a pouco, e nunca se revelou inteiramente. A culpa foi minha, ou antes, a culpa foi desta vida agreste, que me deu uma alma agreste.*[169]

E, falando assim, compreendo que perco o tempo. Com efeito, se me escapa o retrato moral de minha mulher, para que serve esta narrativa? Para nada, mas sou forçado a escrever.[170]"

Paulo Honório fala de suas dificuldades em continuar escrevendo seu livro e também da saudade que sente de Madalena. Atormentado por emoções que não consegue definir, passa a confundir o presente e o passado.

[169] Esse capítulo é narrado no presente, ou seja, no momento em que o narrador está escrevendo a obra. Paulo Honório toma consciência das qualidades de Madalena e de seus erros. Mesmo assim, transfere essa culpa para a profissão que escolheu, esta sim, culpada de sua rudeza.
[170] Temos aqui um dos pontos mais discutíveis da atividade literária. O que leva um indivíduo a dedicar-se à literatura? Não são poucos os que acreditam, como o próprio Graciliano Ramos através de Paulo Honório, que a atividade literária é uma necessidade, uma obrigação.

"***O tique-taque do relógio diminui***[171], *os grilos começam a cantar. E Madalena surge no lado de lá da mesa. Digo baixinho:*

- Madalena!

A voz dela me chega aos ouvidos. Não, não é aos ouvidos. Também já não a vejo com os olhos.

Estou encostado à mesa, as mãos cruzadas. Os objetos fundiram-se, e não enxergo sequer a toalha branca.

- Madalena...

A voz de Madalena continua a acariciar-me. Que diz ela? Pede-me naturalmente que mande algum dinheiro a Mestre Caetano. Isto me irrita, mas a irritação é diferente das outras, é uma irritação antiga, que me deixa inteiramente calmo. Loucura estar uma pessoa ao mesmo tempo zangada e tranqüila.[172] *Mas estou assim. Irritado contra quem? Contra Mestre Caetano. Não obstante ele ter morrido, acho bom que vá trabalhar. Mandrião*[173] *!*

A toalha reaparece, mas não sei se é esta toalha sobre que tenho as mãos cruzadas ou a que estava aqui há cinco anos.

Rumor do vento, dos sapos, dos grilos. A porta do escritório abre-se de manso, os passos de seu Ribeiro afastam-se. Uma coruja pia na torre da igreja. Terá realmente piado a coruja? Será a mesma que piava há dois anos?[174] *Talvez seja até o mesmo pio daquele tempo.*

Agora Seu Ribeiro está conversando com D. Glória no salão. Esqueço que eles me deixaram e que esta casa está quase deserta.[175]"

Comentários: Esse capítulo mereceria uma transcrição completa, o que não fizemos para evitar que nossos leitores deixassem de ler a obra original. Sem dúvida, como os leitores puderam notar pela quantidade de notas de rodapé, temos aqui um dos momentos mais significativos na compreensão da personalidade de Paulo Honório e seu estado de desordem mental. Em sua angústia e solidão, o narrador perde a noção da realidade, que sempre dirigiu sua vida, para entregar-se a delírios e lembranças que são entrecortados por rápidas voltas ao presente. Paulo Honório sente-se invadido por sentimentos que se opõem e conduzem-no a um estado de loucura, como ele próprio afirma.

20

Paulo Honório sempre soube que Madalena possuía um excelente coração. Sua ternura chegava a sensibilizá-lo, logo ele que não era homem de sensibilidade. Madalena era boa com todos os viventes.

---

[171] Essa passagem introduz a divisão temporal entre presente e passado. A diminuição das batidas do relógio equivale à anulação do tempo cronológico e a abertura para o psicológico.

[172] Pela passagem percebemos o estado de alma do narrador, que em sua confusão não consegue mais explicar seu comportamento.

[173] Preguiçoso, malandro, vagabundo.

[174] Nessa passagem, temos duas referências temporais entre acontecimentos do passado e o momento presente, no qual escreve sua obra. A primeira estabelece o intervalo entre a primeira discussão com Madalena e o momento presente (cinco anos); a segunda, estabelece o período entre a ação de Paulo Honório mandar Casimiro Lopes matar as corujas da torre da capela, fato ainda nem narrado (dois anos).

[175] Paulo Honório estabelece nesse parágrafo seu estado atual de solidão, já que foi abandonado por seu Ribeiro e D. Glória.

Alguns minutos depois da briga, Madalena trouxe para Paulo Honório uma x
deu a entender que estava arrependida de ter provocado a discussão. Paulo Hon
começou tudo que possui com cem mil-réis emprestados pelo Pereira a cinco por
Paulo Honório pede a Madalena que se desculpe meio por alto com D. Glória.

Depois disso, passaram bem um mês. Nesse meio tempo, Paulo Honório d
Madalena, fazendo a correspondência.

21

Depois de algum tempo, vieram novos atritos. Depois do trabalho, à ta
passeia, percorrendo as casas dos moradores. Depois de visitar a escola, critic
ensino do Padilha. Reclama globo, mapas e outros objetos. Distraidamente,
ordena a encomenda, mas quando a fatura chega, treme. "*Seis contos de folh
pedacinhos de tábua para os filhos dos trabalhadores*". Paulo Honório contém
brigas com Madalena.

Paulo Honório passa pelo estábulo e percebe que os animais estão sem raçã
Marciano em vão. Vai encontrá-lo junto com o Padilha. Manda o empregad
obrigações, mas Marciano alega que já acabou. Paulo Honório afirma qu
Marciano jura pela luz que o ilumina. Paulo Honório fala que os animais está
fome. Marciano alega que há pouco os cochos estavam cheio e que nunca viu ga
e diz que "*ninguém aguenta mais viver nesta terra. Não se descansa.*" Paulo H
empregado, que sai de cabeça baixa e com o nariz sangrando. Paulo Honório
Padilha, que se defende. Paulo Honório ia passar-lhe uma descompostura, mas
vai ao encontro dela.

"*- É horrível! bradou Madalena.*

- Como?

- Horrível! insistiu.

- Que é?

- O seu procedimento. Que barbaridade!

Despropósito.

- Que diabo de história..."

Paulo Honório fica sabendo que Madalena está indignada pelo fato d
Marciano e diz: "*Ah! sim! por causa do Marciano. Pensei que fosse coisa s
me.*"[176] Madalena ainda tenta descobrir o motivo de tanta violência e crueld
Honório zanga-se e quer saber que diabo ela tem com o Marciano para estar sof
dele.

22

Dona Glória e seu Ribeiro conversam muito. Ele fala alto e olha de frente.
olha para os lados. Calam-se quando vêem Paulo Honório, que pensa que os d
depreciando a sua pessoa. D. Glória passa uma parte dos dias no escritório.

---

[176] O comportamento de Paulo Honório traduz com fidelidade sua maneira de pensar sobre
que o servem. Para ele, seus empregados não são seres humanos, mas animais ou objetos qu

"***O tique-taque do relógio diminui***[171]*, os grilos começam a cantar. E Madalena surge no lado de lá da mesa. Digo baixinho:*

- Madalena!

A voz dela me chega aos ouvidos. Não, não é aos ouvidos. Também já não a vejo com os olhos.

Estou encostado à mesa, as mãos cruzadas. Os objetos fundiram-se, e não enxergo sequer a toalha branca.

- Madalena...

A voz de Madalena continua a acariciar-me. Que diz ela? Pede-me naturalmente que mande algum dinheiro a Mestre Caetano. Isto me irrita, mas a irritação é diferente das outras, é uma irritação antiga, que me deixa inteiramente calmo. Loucura estar uma pessoa ao mesmo tempo zangada e tranqüila.[172] *Mas estou assim. Irritado contra quem? Contra Mestre Caetano. Não obstante ele ter morrido, acho bom que vá trabalhar. Mandrião*[173]*!*

A toalha reaparece, mas não sei se é esta toalha sobre que tenho as mãos cruzadas ou a que estava aqui há cinco anos.

Rumor do vento, dos sapos, dos grilos. A porta do escritório abre-se de manso, os passos de seu Ribeiro afastam-se. Uma coruja pia na torre da igreja. Terá realmente piado a coruja? Será a mesma que piava há dois anos?[174] *Talvez seja até o mesmo pio daquele tempo.*

Agora Seu Ribeiro está conversando com D. Glória no salão. Esqueço que eles me deixaram e que esta casa está quase deserta.[175]"

Comentários: Esse capítulo mereceria uma transcrição completa, o que não fizemos para evitar que nossos leitores deixassem de ler a obra original. Sem dúvida, como os leitores puderam notar pela quantidade de notas de rodapé, temos aqui um dos momentos mais significativos na compreensão da personalidade de Paulo Honório e seu estado de desordem mental. Em sua angústia e solidão, o narrador perde a noção da realidade, que sempre dirigiu sua vida, para entregar-se a delírios e lembranças que são entrecortados por rápidas voltas ao presente. Paulo Honório sente-se invadido por sentimentos que se opõem e conduzem-no a um estado de loucura, como ele próprio afirma.

20

Paulo Honório sempre soube que Madalena possuía um excelente coração. Sua ternura chegava a sensibilizá-lo, logo ele que não era homem de sensibilidade. Madalena era boa com todos os viventes.

---

[171] Essa passagem introduz a divisão temporal entre presente e passado. A diminuição das batidas do relógio equivale à anulação do tempo cronológico e a abertura para o psicológico.

[172] Pela passagem percebemos o estado de alma do narrador, que em sua confusão não consegue mais explicar seu comportamento.

[173] Preguiçoso, malandro, vagabundo.

[174] Nessa passagem, temos duas referências temporais entre acontecimentos do passado e o momento presente, no qual escreve sua obra. A primeira estabelece o intervalo entre a primeira discussão com Madalena e o momento presente (cinco anos); a segunda, estabelece o período entre a ação de Paulo Honório mandar Casimiro Lopes matar as corujas da torre da capela, fato ainda nem narrado (dois anos).

[175] Paulo Honório estabelece nesse parágrafo seu estado atual de solidão, já que foi abandonado por seu Ribeiro e D. Glória.

Alguns minutos depois da briga, Madalena trouxe para Paulo Honório uma xícara de café e deu a entender que estava arrependida de ter provocado a discussão. Paulo Honório conta que começou tudo que possui com cem mil-réis emprestados pelo Pereira a cinco por cento ao mês. Paulo Honório pede a Madalena que se desculpe meio por alto com D. Glória.

Depois disso, passaram bem um mês. Nesse meio tempo, Paulo Honório deu ocupação a Madalena, fazendo a correspondência.

21

Depois de algum tempo, vieram novos atritos. Depois do trabalho, à tarde, Madalena passeia, percorrendo as casas dos moradores. Depois de visitar a escola, critica o método de ensino do Padilha. Reclama globo, mapas e outros objetos. Distraidamente, Paulo Honório ordena a encomenda, mas quando a fatura chega, treme. "*Seis contos de folhetos, cartões e pedacinhos de tábua para os filhos dos trabalhadores*". Paulo Honório contém-se para evitar brigas com Madalena.

Paulo Honório passa pelo estábulo e percebe que os animais estão sem ração. Chama pelo Marciano em vão. Vai encontrá-lo junto com o Padilha. Manda o empregado para as suas obrigações, mas Marciano alega que já acabou. Paulo Honório afirma que não acabou. Marciano jura pela luz que o ilumina. Paulo Honório fala que os animais estão morrendo de fome. Marciano alega que há pouco os cochos estavam cheio e que nunca viu gado comer tanto e diz que "*ninguém aguenta mais viver nesta terra. Não se descansa.*" Paulo Honório bate no empregado, que sai de cabeça baixa e com o nariz sangrando. Paulo Honório põe a culpa em Padilha, que se defende. Paulo Honório ia passar-lhe uma descompostura, mas vê Madalena e vai ao encontro dela.

"*- É horrível! bradou Madalena.*

- Como?

- Horrível! insistiu.

- Que é?

- O seu procedimento. Que barbaridade!

Despropósito.

- Que diabo de história..."

Paulo Honório fica sabendo que Madalena está indignada pelo fato dele ter surrado Marciano e diz: "*Ah! sim! por causa do Marciano. Pensei que fosse coisa séria. Assustou-me.*"[176] Madalena ainda tenta descobrir o motivo de tanta violência e crueldade, mas Paulo Honório zanga-se e quer saber que diabo ela tem com o Marciano para estar sofrendo por causa dele.

22

Dona Glória e seu Ribeiro conversam muito. Ele fala alto e olha de frente. Ela cochicha e olha para os lados. Calam-se quando vêem Paulo Honório, que pensa que os dois devem estar depreciando a sua pessoa. D. Glória passa uma parte dos dias no escritório.

---

[176] O comportamento de Paulo Honório traduz com fidelidade sua maneira de pensar sobre os trabalhadores que o servem. Para ele, seus empregados não são seres humanos, mas animais ou objetos que lhe pertencem.

Paulo Honório aproveita-se do atraso no balancete para reclamar com seu Ribeiro e dar ordem para que coloque um cartaz proibindo a entrada de pessoas que não têm negócio ali. D. Glória quer saber se aquilo é com ela. Paulo Honório, depois dela repetir a pergunta, diz que é com toda gente. Depois de discutirem, D. Glória sai.

Paulo Honório tenta saber com seu Ribeiro o que D. Glória vinha fuxicar ali. Seu Ribeiro tece apenas comentários elogiosos à "excelente senhora". Paulo Honório percebe que é ridículo interrogar aquele homem.

Ao sair, encontra Madalena caída no sofá do salão, enxugando os olhos apressadamente. Madalena pergunta por que aquela brutalidade. Paulo Honório reconhece que foi brutalidade, mas necessária. Afirma, quando inquerido, que não gosta nem desgosta de D. Glória. Não suporta vê-la sem trabalhar. Madalena defende a tia, dizendo não conhecer ninguém que trabalhe mais do que ela. Paulo Honório levanta-se. Os dois saem. Madalena pergunta sobre sua pobreza no passado. Paulo Honório conta que foi guia de cego e vendedor de cocadas. Madalena afirma que a tia tem desenvolvido mais atividades do que ele, que quis saber quais. Madalena diz que tomou conta dela, sustentou-a e educou-a. Afirma que D. Glória não a trocaria por São Bernardo. Madalena conta a miséria vivida e os sacrifícios da tia.

Depois de ouvir as palavras de Madalena, Paulo Honório continua a julgar D. Glória "*uma velha bisbilhoteira e de mãos lastimáveis, que deitavam a perder o que pegavam*".[177]

23

Numa tarde de domingo, Paulo Honório volta do descaroçador e da serraria com raiva do maquinista que prometera desemperrar um volante e um dínamo. Montes de madeira e algodão enchem os paióis. Paulo Honório chama todos de desleixados. Encontra Margarida à beira do riacho. Ele quis saber se falta alguma coisa no rancho. Margarida diz que nada falta, Madalena manda tudo. Não sabe para que aquilo tudo. Até sapatos, que ela não tem o hábito de usar.

Paulo Honório sai dali agastado com Madalena. Avista Marciano conduzindo o gado. Reclama que o limosino-caracu está magro, mesmo sabendo que não é verdade. Antes de Marciano dizer qualquer coisa, manda-o não responder e se entupir.[178]

"*A culpada era Madalena, que tinha oferecido à Rosa um vestido de seda. É verdade que o vestido tinha um rasgão. Mas era disparate.*

- Deitasse fora, foi o que eu disse a Madalena. Se estava estragado, era deitar fora. Não é pelo prejuízo, é pelo desarranjo que traz a esse povinho um vestido de seda."

Paulo Honório depois toma consciência de que Madalena não é culpada de sua raiva, mas sim o caso do dínamo. Mesmo assim, sua raiva não diminui. Pensa em despedir o maquinista. Sente-se nervoso com todas as coisas que o cercam, até mesmo um casal de papa-capins namorando: "*Uma galinhagem desgraçada.*"

Chegando em casa, Paulo Honório encontra Madalena, Padilha, D. Glória e seu Ribeiro conversando baixinho. Calam-se quando ele chega. Paulo Honório puxa uma cadeira e senta-se longe deles. Desconfia de que estão falando mal dele. Pensa nos gastos com a escola e com mestre Caetano. "*Além de tudo vestido de seda para a Rosa, sapatos e lençóis para Margarida.*

[177] Apesar dos argumentos razoáveis de Madalena, Paulo Honório continua teimosamente a manter seu julgamento sobre D. Glória, não dando o braço a torcer.
[178] Paulo Honório descarrega no empregado a raiva que sente de Madalena, porque esta manda um desperdício de coisas para Margarida.

Sem me consultar. Já viram descaramento assim? Um abuso, um roubo, positivamente um roubo."

"*Casimiro Lopes veio sentar-se num degrau da calçada, picando fumo com a faca de ponta e preparando o cigarro de palha, deitava os olhos de cão ao prado, ao açude, à igreja, às plantações.*" Casimiro Lopes é a única pessoa que o compreende. Casimiro também sabe que tudo anda ruim. Paulo Honório dá ordem para Maria das Dores acender os candeeiros, já que o dínamo está encrencado. Só então grita para D. Glória e Madalena verem seu filho, que berra como bezerro desmamado. Mentalmente critica a mulher que fica na prosa, enquanto o menino chora. "*Madalena tinha tido menino.*"[179]

24

João Nogueira, Padre Silvestre e Gondim jantararão com Paulo Honório e Madalena para comemorar os dois anos de casamento. Paulo Honório encontra Padilha colhendo rosas a pedido de Madalena. Fala para Padilha que ninguém está preso ali, que pode deixar o serviço, se este lhe desagrada. Reclama também das conversas do rapaz com Madalena. Padilha desculpa-se, dizendo que aquilo não é com ele, mas que uma senhora de instrução precisa de palestras amenas e variadas. Paulo Honório acha graça e não presta mais atenção no Padilha.

Mais tarde, Paulo Honório olha Madalena desconfiado. A cara de Madalena parece mudada, mas essa impressão dura pouco. Quando os amigos chegam, sente-se tranqüilo.

Gondim, depois do conhaque, elogia a vida campestre. Padre Silvestre concorda com os elogios de Gondim e diz que deve ser uma delícia viver naquele paraíso. Paulo Honório cultiva tudo para vender, até as flores. O jantar prossegue com discussões políticas. João Nogueira e Gondim provocam padre Silvestre, que vê em tudo um abismo, desonestidades e patifaria. O padre prevê a revolução. Madalena intervém. Paulo Honório pergunta se ela também é revolucionária. Padilha também apóia a idéia de revolução. Seu Ribeiro não deseja transformações. Padre Silveira não aceita a idéia de comunismo. A discussão prossegue.

Paulo Honório deseja saber o que Madalena pensa. Ele é materialista, como percebemos em seu pensamento: "*A verdade é que não me preocupo muito com o outro mundo. Admito Deus, pagador celeste dos meus trabalhadores, mal remunerados cá na terra, e admito o diabo, futuro carrasco do ladrão que me furtou uma vaca de raça. Tenho portanto um pouco de religião, embora julgue que, em parte, ela é dispensável num homem. Mas mulher sem religião é horrível*[180]." Depois, ele pensa em Madalena como uma mulher sem religião, capaz de tudo.

Paulo Honório avista Madalena derretendo-se e sorrindo para o Nogueira e passa a sentir ciúmes.

25

"*Comecei a sentir ciúmes. O meu primeiro desejo foi agarrar o Padilha pelas orelhas e deitá-lo fora, a pontapés. Mas conservei-o para vingar-me. Arredei-o de casa, a bem dizer*

[179] Só no final do capítulo, o narrador noticia que sua mulher tinha tido um filho. Apesar do casamento sem amor, apenas para gerar um herdeiro para São Bernardo, Paulo Honório não parece dar importância ao menino.
[180] Nessa passagem, Paulo Honório deixa clara sua visão materialista e preconceituosa do mundo.

prendi-o na escola. Lá vivia, lá dormia, lá recebia alimento, bóia fria, num tabuleiro.[181]" Desforra-se, ainda, atrasando em quatro meses o pagamento do Padilha, que se limita a engolir a seco as humilhações continuadas.

Paulo Honório volta a sentir ciúmes de Madalena com o Nogueira. Lembra-se da cena na janela. Imagina se aquela conversa terá sido a primeira. Antes de casar-se com ela, "*eles se entendiam. Talvez namorassem.*" Lembra-se de ter encontrado João Nogueira na casa do dr. Magalhães, quando lá esteve. Paulo Honório insulta-a mentalmente: "*- Perua!*" Recorda o dia que os amigos discutiam as pernas e os peitos dela. "*Eu tinha razão para confiar em semelhante mulher? Mulher intelectual.*" Raciocinando, descobre que marido nada sabe. Imagina que os caboclos talvez estivessem rindo dele, até Marciano e Rosa.[182] Pergunta-se se Marciano conhecia as relações dele com Rosa. Não sabia porque mandava-o às compras quando se encontrava com ela. "*- Enfim certeza, certeza de verdade, ninguém tem.*"

Começa a examinar mentalmente a aparência do filho, mas conclui que não se parece com ele, mas também não se parece com outro homem. Acha o menino feio como os pecados. Só Casimiro Lopes interessa-se pelo menino.

26

Paulo Honório começa a achar-se doente, sempre enfastiado, inquieto e com raiva. "*O meu desejo era pegar Madalena e dar-lhe pancada até no céu da boca.*[183]" Passa a examinar as malas, livros e correspondências de Madalena, pensando surpreendê-la, arrumar uma prova de adultério. Madalena chora, grita, tem um ataque de nervos. A vida deles torna-se um inferno.

Durante uma visita do Dr. Magalhães, Paulo Honório passa a sentir ciúmes do juiz, pois acredita que as amabilidades do velho para com Madalena são excessivas. Sente-se culpado, porque não se cuida, tem mãos enormes, com calos e dedos enormes, curtos e grossos. Compara-se com o juiz.

No dia seguinte encontra Madalena escrevendo uma carta para o Gondim. Paulo Honório pede que Madalena mostre, mas ela agarra a folha, alegando que só interessa a ela. Paulo Honório chama-a de galinha. Madalena corre pelo quarto, chamando-o de canalha. D. Glória entra para dizer que estão ouvindo lá fora, mas Paulo xinga-a e a Madalena. D. Glória foge com o lenço nos olhos. Madalena rasga o papel em pedacinhos e atira-os pela janela, chamando-o de miserável. No corredor, chama-o de assassino.

Paulo Honório lembra-se do caso do Jaqueira, mas a recordação desaparece. Volta a pensar nas mãos enormes. A lembrança do Jaqueira volta. Paulo Honório está sendo ingrata com Casimiro Lopes. Pergunta-se o que Madalena sabia de sua vida para chamá-lo de assassino[184]. Está sendo ingrata com Casimiro que cuida do menino dela. "*Ela não tinha chamado assassino a Casimiro Lopes, mas a mim.*" Sua raiva volta-se para o Padilha, depois pensa novamente no Jaqueira, que era sempre traído pela mulher e apanhava de todos, só ameaçando que um dia

[181] É interessante notar que Paulo Honório sente ciúmes de Madalena por causa de sua conversa com o Nogueira, mas passa a odiar o Padilha. Por não poder atingir diretamente o advogado, usa o professor de sua escola, de quem sempre teve raiva, como bode expiatório de seus sentimentos.
[182] Paulo Honório preocupa-se com o que as pessoas pensam dele.
[183] Podemos perceber bem os desejos de violência que começam a assaltar Paulo Honório.
[184] Retoma-se aqui o caso ocorrido com o Mendonça, que foi morto por Casimiro Lopes, enquanto Paulo Honório estava na cidade.

mataria um peste. Um dia matou mesmo um freguês da mulher. Quando saiu da cadeia, ninguém mais mexeu com ele.

27

Depois de acalmar, Paulo Honório percebe que fez barulho sem motivo. Madalena é honesta e só não mostrou o papel para não dar o braço a torcer. "*Mais bem comportada que ela só num convento.*" Dirige toda sua brutalidade para o Padilha, e resolve despedi-lo.

Padilha quer saber o que fez. Paulo Honório alega que ele sabe e não dá explicações. Padilha ainda agradece por Paulo Honório ter permitido que ficasse um mês, mas acaba explodindo e dizendo que aquilo acontecera porque atendeu aos pedidos de D. Madalena. Conclui dizendo que ela foi a desgraça de sua vida. Os dois discutem. No final, Paulo Honório acusa Padilha de ter contado a história da morte do Mendonça para Madalena. Padilha defende-se, afirmando que ela já sabia e que ele até defendeu o patrão. Perguntado, Padilha conta que ele e D. Madalena discutiam literatura, política, artes e religião. Padilha conclui: "*Afinal eu estou chovendo no molhado. O senhor, melhor que eu, conhece a mulher que possui.*"

28

Paulo Honório fica desconfiado da última frase do Padilha, imaginando que ele soubesse alguma coisa. "*O que eu desejava era ter uma certeza e acabar depressa com aquilo. Sim ou não.*"[185] A dúvida que atormenta Paulo Honório conduz seus pensamentos a regiões contraditórias:

"*Se eu tivesse uma prova de que Madalena era inocente, dar-lhe-ia uma vida como ela nem imaginava. Comprar-lhe-ia vestidos que nunca mais se acabariam (...) Consentiria que ela oferecesse roupa às mulheres dos trabalhadores.*

E se eu soubesse que ela me traía? Ah! se eu soubesse que ela me traía, matava-a, abria-lhe a veia do pescoço, devagar, para o sangue correr um dia inteiro."[186] *Pouco depois, Paulo Honório muda de idéia e considera a morte de Madalena um crime inútil, preferindo abandoná-la e vendo-a sofrer todo tipo de privações.*"

29

As dúvidas levam Paulo Honório a afirmar a culpa de Madalena. Passa a enxergar em D. Glória uma alcoviteira que desencaminhou a sobrinha. Chega até a agradecer em monólogo ao Padilha, que também não ignora o procedimento de Madalena e que disse na sua frente que ela foi a desgraça de sua vida.

A chegada de padre Silvestre desperta as desconfianças de Paulo Honório. Passa a notar que Madalena namora os caboclos também, mas percebe que essa idéia não tem pé nem cabeça.[187]

[185] Percebemos que a dúvida martiriza Paulo Honório. Seu desejo é revelar a verdade, livrando-se de todo o sofrimento do ciúme. Essa mesma dúvida foi também o tormento de Bentinho em *Dom Casmurro*.
[186] Destacamos nos dois parágrafos duas importantes passagens. A primeira, diz respeito ao emprego da repetição ("*Se eu soubesse que ela me traía*"), que mostra o estado psicológico no narrador que alimenta reiteradamente seu desejo de vingança. A segunda, diz respeito ao desejo sádico de ver Madalena morrer lentamente.
[187] Os ciúmes fazem Paulo Honório enxergar atitudes que Madalena jamais tomou. Mas, em sua loucura, o narrador sente-se traído por todos.

Uma tarde, chega a pensar que a velha Margarida é portadora de alguma carta. Conclui que está quase maluco.

30

Paulo Honório ouve passos no jardim à noite. Estranha o cachorro Tubarão não latir. Pega o rifle. Imagina inimigos, mas as ameaças cessaram há muito. Atira, o que faz Madalena saltar da cama, gritando. Quando Madalena pergunta o que foi, Paulo Honório responde que são os parceiros dela rondando a casa. Madalena chora. Paulo Honório ouve assovios, longe, e provoca Madalena, perguntando se marcara entrevista no quarto, em cima dele, se queria que saísse.

Logo surge a dúvida: "*E se as passadas e o assobio não fossem por causa dela? (...) E se as passadas e o assobio não existissem?*"

Madalena chora até dormir. Quando Paulo Honório está quase pegando no sono, percebe "*o ranger de chave em fechadura e o rumor de telhas arrastadas*". Acorda sobressaltado. Não pode mais dormir. Não acha justo que Madalena durma, enquanto ele está preocupado. Fica se perguntando para que tanta discussão.

"*Para quê, realmente? O que eu dizia era simples, direto, e procurava debalde em minha mulher concisão e clareza. Usar aquele vocabulário, vasto, cheio de ciladas, não me seria possível. E se ela tentava empregar a minha linguagem resumida, matuta, as expressões mais inofensivas e concretas eram para mim semelhantes às cobras: faziam voltas, picavam e tinham significação venenosa.*"

31

Paulo Honório manda Marciano matar as corujas da torre da igreja. Vê de uma das janelas Madalena escrevendo no escritório. Rosa atravessa o riacho com a saia erguida. Paulo Honório acha uma tentação o remelexo de bunda que ela dá ao torcer-se para escorrer a água.

Ao voltar para casa, Paulo Honório encontra uma folha de papel defronte do escritório. Não consegue entender as palavras desconhecidas. Acredita que o estilo confuso é para ocultar o que deve ser evidente. Percebe que é carta para homem, mesmo não tendo o princípio e o destinatário. Acredita ter encontrado a prova que busca. Suspeita que a carta é destinada a João Nogueira, ao Dr. Magalhães, ao Azevedo Gondim ou ao Silveira da escola normal. Lê a carta várias vezes. Volta para casa furioso, com a decisão de acabar depressa com aquela infelicidade.

No caminho, encontra-se com Madalena saindo da igreja. Manda-a dar meia-volta e segura seu braço. Na sacristia, acende uma vela e pergunta o que ela fazia ali. Espera desaforos, mas Madalena apenas observa-o como se quisesse comê-lo com os olhos. Paulo Honório quer saber para quem é a carta, mas Madalena nada responde. Pensa em matá-la para depois perdoar seus defeitos.

No final da conversa, Madalena fala que o resto da carta está no escritório e que aquela folha deve ter voado. Paulo Honório quer saber para quem é a carta. Madalena diz que ele verá. Depois, ela pede perdão pelos desgostos que deu. Paulo Honório rosna um monossílabo. Ela diz que o ciúme estragou tudo. Paulo Honório pensa em palavras de arrependimento, mas engole-as por causa de seu orgulho.

Madalena pede que Paulo Honório seja amigo de sua tia. Fala que seu Ribeiro é trabalhador honesto. Fala ainda do Padilha e do Marciano. Madalena parece despedir-se, manda-o oferecer seus vestidos à família de mestre Caetano e à Rosa. Distribuir os livros com seu Ribeiro, Padilha e Gondim. Paulo Honório não gosta daquela conversa. Ela fala que está com vontade de viajar. Paulo Honório faz planos para um viagem para o Rio. Madalena conta o que fez o dia todo. Fala do passado de pobreza.

"*Estava perturbada, via-se perfeitamente que estava perturbada. Largou outras incoerências:*

- As casas dos moradores, lá embaixo, também são úmidas e frias. É uma tristeza. Estive rezando por eles. Por vocês todos. Rezando... Estive falando só.

O relógio da sacristia tocou meia-noite.

- Meu Deus! Já tão tarde! Aqui, tagarelando...

Levantou-se e pôs-me a mão no ombro:

- Adeus, Paulo. Vou ***descansar***[188]."

Paulo Honório acaba adormecendo durante horas na igreja. Segundo ele, sonhou com **rios cheios e atoleiros**[189]. Passeou pelo pátio, esperando que o dia clareasse de todo. Ao chegar em casa, ouve gritos horríveis. No quarto, "*Madalena estava estirada na cama, branca, de olhos vidrados, espuma nos cantos da boca*[190]". Paulo Honório tenta reanimá-la, mas é tarde demais. Na banca, como dissera Madalena, ele encontra o resto da carta que era destinada para ele mesmo. Lê, saltando as palavras incompreensíveis. Falta uma página, aquela que ele guardou na carteira.

32

Madalena foi enterrada debaixo do mosaico da capela-mor. Paulo Honório vestiu-se de preto. Os amigos e os proprietários vizinhos vieram trazer-lhe os pêsames. Paulo Honório mudou-se para um quarto pequeno. Para distrair-se, dedicou-se à derrubada de madeira da mata. Depois, mandou consertar o vazamento no paredão do açude.

Paulo Honório pensa em Madalena. "*Creio na verdade que a lembrança dela sempre esteve em mim. O que houve foi que, na atrapalhação dos primeiros dias, confundiu-se com uma chusma de azucrinações diferentes umas das outras.*" Paulo Honório percorre os cômodos da casa, com o cachimbo apagado na boca.

D. Glória despede-se de Paulo Honório, que argumenta que ela não tem para onde ir. Pede que tome juízo. Ela afirma não ter vindo pedir conselho, mas despedir-se. Os dois discutem, porque D. Glória quer sair sem levar nada além de suas bagagens e não sabe para onde vai ou como viverá. Paulo Honório mente que deve três anos de ordenado a Madalena. Paulo Honório dá-lhe o dinheiro para a viagem, marca uma pensão de duzentos mil-réis mensais e manda Dona Glória a João Nogueira, que a hospeda por uma noite.

Dias depois, foi a vez de seu Ribeiro, que alega as recordações dolorosas provocadas pela casa. "*Assim o excelente seu Ribeiro, que eu esperava enterrar em S. Bernardo, foi terminar nos cafés e nos bancos dos jardins a sua velhice e as suas lembranças.*"

---

[188] Madalena emprega o termo em sentido ambíguo, significando tanto repouso quanto morrer, como veremos a seguir.
[189] Em ambos os casos, a imagem da água simboliza morte, segundo a interpretação de Jung.
[190] Madalena ingerira veneno.

33

Padilha começa aproximar-se de Paulo Honório. Anda pelo pátio e faz grandes cumprimentos. Acaba sendo convidado para entrar na casa. Serve de companhia, mas Paulo Honório mal ouve a sua falação.

Um dia Gondim trouxe boatos da revolução. À noite, o chefe político escreve pedindo armas e homens. Paulo Honório envia de madrugada. Depois as notícias confirmam-se e o governo fica encurralado no Rio. Padilha desaparece repentinamente. João Nogueira conta que Padilha e padre Silvestre incorporaram-se às tropas revolucionárias.

34

O partido de Paulo Honório cai. Seus inimigos políticos, os Gama, o Pereira, o Fidélis, fariam picuinhas[191]. Dez ou doze empregados de Paulo Honório seguiram as idéias de Padilha e entraram com ele no exército revolucionário.

"Bocejava. Cada bocejo de quebrar o queixo. Vida estúpida! É certo que havia o pequeno, mas eu não gostava dele. Tão franzino, tão amarelo!

- Se melhorar, entrego-lhe a serraria. Se crescer assim bambo, meto-o no estudo para doutor."

Paulo Honório e os amigos conversam sobre a revolução. Gondim sempre posicionando-se contra. João Nogueira sempre mais moderado e contrário às idéias radicais de Gondim. Paulo Honório procurava conciliar as discussões.

"Agora a vela estava apagada. Era tarde. A porta gemia. O luar entrava pela janela. O nordeste espalhava folhas secas no chão. E eu já não ouvia os berros do Gondim."

35

Paulo Honório entra no ano com o pé esquerdo. Seus negócios foram muito mal, perdeu os fregueses, que quebraram. Desapareceram a avicultura, a horticultura e a pomicultura. Não compensou colher as laranjas e dá-las quase de graça. Paulo Honório percebe que não vale a pena investir em novas máquinas para o descaroçador de algodão e a serraria. Os bancos fecharam-lhe as portas. Em seis meses, vende o automóvel para pagar uma letra de seis contos. Paulo Honório cruza os braços. João Nogueira traz a notícia de que os Gama e o Fidélis iam remexer as questões dos limites das propriedades. Paulo Honório encolhe os ombros, desanimado. João Nogueira também desanimou.

"E recomecei os meus passeios mecânicos pelo interior da casa. Às vezes empurrava a porta do escritório para dar uma ordem a seu Ribeiro. Parecia-me ver d. Glória malucando no pomar, com o romance.

E os meus passos me levavam para os quartos, como se procurassem alguém."[192]

36

Madalena morreu há dois anos. Os amigos deixaram de vir discutir política, tornando a casa insuportável. Aí surgiu a idéia de Paulo Honório escrever esta história, abandonada logo depois.

---

[191] Piadas, gracejos.

[192] O mundo de Paulo Honório está virado do avesso, ainda assim ele não luta para mudar a situação. Sua força pareceu extinguir-se.

Há quatro meses, Paulo Honório ouviu um grito de coruja e sobressaltou-se. Mandaria Marciano no forro da igreja no dia seguinte. Assim voltou a idéia de construir o livro. Desde então, ele procura desvendar os fatos, entrando, às vezes, pela noite.

"Sou um homem arrasado. Doença? Não. Gozo perfeita saúde. Quando o costa Brito, por causa de duzentos mil-réis que me queria abafar, vomitou os dois artigos, chamou-me doente, aludindo a crimes que me imputam. (...) nunca um médico me entrou em casa. Não tenho doença nenhuma.

O que estou é velho. Cinquenta anos pelo S. Pedro. Cinquenta anos perdidos, cinquenta anos gastos sem objetivo, a maltratar-me e maltratar os outros O resultado é que endureci, calejei, e não é um arranhão que penetra esta casca espessa e vem ferir cá dentro a sensibilidade embotada."[193]

Paulo Honório sabe que, depois da crise, pode reconstruir a fazenda, fazê-la voltar ao que era, mas não consegue encontrar motivos para isso. Sente que perdeu seus objetivos, que todos os seus esforços e sofrimentos foram em vão. Chega a pensar que teria sido melhor se tivesse ficado a arear o tacho da velha Margarida. Pelo menos teria tido uma existência quieta. Se tivesse casado com Germana, teria comprado "*meia dúzia de cavalos, um pequeno cercado de capim, encerados, cangalhas...*" Teria levado uma vida simples, não teria preocupações excessivas, nem ofenderia ninguém. Seria "*alegre como um desgraçado*".

"Estraguei minha vida estupidamente.

Penso em Madalena com insistência. Se fosse possível recomeçarmos... Para que enganar? Se fosse possível recomeçarmos, aconteceria exatamente o que aconteceu. Não consigo modificar-me, é o que mais me aflige."[194]

Paulo Honório tem consciência da situação miserável em que vivem seus empregados. Sente que, no começo, estavam juntos, mas sua profissão distanciou-os. Sabe que Madalena entrou ali cheia de bons sentimentos e intenções, mas a brutalidade e o egoísmo dele barraram os propósitos dela. "*Creio que nem sempre fui egoísta e brutal. A profissão é que me deu qualidades tão ruins. (...) Foi este modo de vida que me inutilizou. Sou um aleijado. Devo ter um coração miúdo, lacunas no cérebro, nervos diferentes dos nervos dos outros homens. E um nariz enorme, uma boca enorme, dedos enormes.*" Em completa solidão, Paulo Honório encerra seu livro: "*E eu vou ficar aqui, às escuras, até não sei que hora, até que, morto de fadiga, encoste a cabeça à mesa e descanse uns minutos.*"

IV - SÍNTESE DO ENREDO

Paulo Honório resolve escrever um livro para contar a sua vida com Madalena. Está completamente sozinho. Resolve recorrer a um grupo de amigos para realizar a obra. Divide as tarefas, mas descobre que não dará certo. Resolve então fazê-lo apenas com o jornalista Azevedo Gondim, mas desentende-se com ele por causa da linguagem literária empregada.

---

[193] Paulo Honório sente-se desanimado, considerando o vazio de sua existência. Tem consciência de seus erros, mas sente que é tarde demais para mudar.

[194] Paulo Honório parece definir-se como uma personagem plana, incapaz de qualquer transformação diante das situações de conflito. Ainda assim, percebe-se nele a consciência do erro e a necessidade de mudança. Há, portanto, forte tensão interior em sua personagem.